

## Por uma estética da perversão

Doutorando Ronnie Francisco Cardoso<sup>1</sup> – UFMG

### Resumo

*A perversão foi primeiro uma discussão moral que só teve interesse médico tardiamente e de forma indireta. Não era uma matéria específica de uma clínica, mas uma classificação em relação ao desvio normativo, possibilitando a conseqüente sanção a ser imposta por instâncias legais. A medicina só passou a tratar do assunto a pedido dos magistrados. Em contraposição a demarcação moral e clínica, podemos considerar o campo da arte, especificamente o espaço literário, como o lugar apropriado para se falar de uma estética da perversão.*

**Palavras-chaves:** Perversão, estética do sintoma, literatura

De modo semelhante a estes, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e as relações sexuais antinaturais. Estando sob o castigo do fogo eterno, eles servem de exemplo. Da mesma forma, estes sonhadores contaminam o próprio corpo, rejeitam a autoridade e difamam os seres celestiais. Contudo, nem mesmo o arcanjo Miguel, quando estava disputando com o Diabo acerca do corpo de Moisés, ousou fazer acusação injuriosa contra ele, mas disse: “O Senhor repreenda!”. Todavia, esses tais difamam tudo o que não entendem; e as coisas que entendem por instinto, como animais irracionais, nessas mesmas coisas se corrompem. Ai, deles! Pois seguiram o caminho de Caim...

Bíblia Sagrada, *Carta de Judas*

No controvertido *Psychopathia Sexualis*, obra clássica da ciência médica do século XIX, estão catalogados 238 casos do que era considerado transtornos psicosssexuais por Richard von Krafft-Ebing. Nos relatos do doutor encontramos pequenas histórias envolvendo incesto, necrofilia, pedestastia, bestialidade, travestismo, transexualismo, automutilação, sadomasoquismo, exibicionismo, dentre outros desvios sexuais. Em tempos atuais ainda há um certo reconhecimento pela medicina ao esforço do eminente doutor em estabelecer um diagnóstico clínico dos distúrbios envolvendo a sexualidade, a despeito da desqualificação empreendida pelas ciências humanas às posições morais e às propostas de cura do referido médico. Krafft-Ebing acreditava, por exemplo, que a simples abstinência eliminaria o desejo desviante.

Não obstante, na falha da metodologia do doutor, em sua própria precariedade, e para além da classificação científica e dos julgamentos morais que ainda persistem em nossa época sobre a questão dos desvios em relação à norma, encontramos algumas relatos instigantes que podemos observar sob a luz dos estudos literários. Vale citar aqui o “Caso 80” do referido livro, no qual Krafft-Ebing descreve um diagnóstico de masoquismo associado à coprolagnia. Segundo o médico, seu paciente:

Quando começou a ir para escola e ler livros, sentiu-se fortemente atraído por narrativas contendo descrições de crueldade refinada e torturas, especialmente quando executadas a pedido de mulheres. Devorava os romances que tratavam de escravidão e da servidão, e ficava tão excitado ao lê-los que começou a se masturbar. O que mais o excitava era imaginar-se como escravo de uma jovem e linda mulher de seu meio social que lhe permitia, depois de um longo passeio, lambe seus pés, especialmente as solas e o espaço entre os dedos [...] Aos 15 anos, enquanto se deliciava com essa ficção, deixou que um cachorro *poodle* lambesse seus

pés. Certo dia notou que uma linda empregada de sua casa deixava um cão *poodle* lambendo seus pés enquanto lia. Isso lhe provocava ereção e ejaculação.<sup>1</sup>

Nesse mesmo caso, além da satisfação com as leituras sobre “crueldade”, é bastante sintomático que o referido desviante instrua às mulheres com quem mantinha contato masoquista a escreverem cartas com ostensivas ameaças. Em outro caso narrado, Krafft-Ebing descreve a fantasia de um rapaz que se masturbava imaginando estar em contato com o pé de uma mulher claudicante. O médico atenta para uma frase proferida em inglês pelo paciente, na qual há um jogo de palavras estimulante para nossa investigação: este achava que se casasse com uma mulher manca, e devido ao amor a ela dedicado, esta se apiedaria dele e o libertaria do seu crime “transferring his love from the sole of her foot to the foot of her soul.” Postulo aqui o fetichismo literário, ou a literatura como fetiche, que encontramos nos relatos psicanalíticos, para propor uma estética da perversão que, ao distancia-se da clínica, talvez nos mostre um caminho para a crítica literária.

Conhecedor das sutilezas desse texto, é curioso que Freud no artigo *Fetichismo*, ao invés de recorrer aos desvios clássicos, tais como uso de vestimenta feminina por homens ou vice-versa, lambendo pés, usar chicotes, inicia o texto relatando o caso de um paciente que atrelava seu desejo a um jogo de palavras translingüe, ou seja, excitava-lhe um certo brilho no nariz de uma pessoa. Segundo Freud:

A explicação surpreendente para isso era a de que o paciente fora criado na Inglaterra, vindo posteriormente para a Alemanha, onde esquecera sua língua materna quase completamente. O fetiche, originado de sua primeira infância, tinha de ser entendido em inglês, não em alemão. O ‘brilho do nariz’ [em alemão ‘Glanz auf der Nase’] era na realidade um ‘vislumbre (glance) do nariz’. O nariz constituía assim o fetiche, que incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros.<sup>2</sup>

Arregimentado historicamente pela clínica psiquiátrica, mas que, contudo, a antecede e a ultrapassa, a apropriação da noção de perversão pela linguagem médica é resultado de um esforço que se inicia no século XIX. A perversão foi primeiro uma discussão moral que só teve interesse médico tardiamente e de forma indireta, já que não era uma matéria específica de uma clínica, e sim uma classificação associada a conseqüente sanção a ser imposta por instâncias legais. A medicina só passou a tratar do assunto a pedido dos magistrados. O termo era delimitado por uma legislação, religiosa ou laica, conforme o contexto sócio-político de cada época.

## **Depois da queda**

Na língua portuguesa a palavra perversão surge entre os anos de 1562 e 1575. Trata-se de um empréstimo do latim clássico *perversione*, que além do significado corrente de depravação, traz o sentido adicional de alteração de um texto, a inversão da construção no estilo. Entretanto, antes mesmo de ser uma questão jurídica, e posteriormente uma patologia clínica, a perversão era uma matéria religiosa demarcada pela igreja cristã, associada, apropriadamente, ao pecado original.

O casal primevo, ao comer o fruto proibido, faz do ato de desobediência uma herança a ser perpetuada como signo de transgressão humana:

---

<sup>1</sup> KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*, p. 83.

<sup>2</sup> FREUD, S. *Fetichismo*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Freud, XXI, p. 201.

Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueiras para cobrir-se.<sup>3</sup>

Em decorrência da sua transgressão, o primeiro casal humano foi expulso do paraíso e se viu diante da certeza de viver para morrer, de “retornar ao pó”, mas é também este ato inaugural que o habilita a poder gozar. Vale aqui lembrar a provocação em *Ulisses*, de James Joyce, segunda a qual, antes da queda, Adão trepava mas não gozava. Ao tomar consciência da própria nudez, o corpo do casal primevo passou a ter um caráter erótico, por isso a necessidade de disfarçá-lo e escondê-lo: “Donde soubeste tu que estavas nu, senão porque comeste do fruto da árvore, de que tinha ordenado que não comesses?”<sup>4</sup> Assim foi interpelado o casal primeiro pelo Criador do mundo. No princípio houve um ato perverso, a partir dele podemos investigar então a construção de uma ética do desejo e uma estética obscena.

Desde que o casal primevo erotiza a nudez e é expulso do paraíso, toda sorte de perversões é implementada. Encontramos no *Pentateuco* toda a força de uma sexualidade primitiva, mas também estão lá todas as possíveis tentativas de domá-la pela normatização, pelas regras, pela “Lei do Pai”. No *Levítico* encontramos uma série de Leis relacionadas à sexualidade que o discurso perverso vai nos mostrar pelo avesso. Ainda que longa, vale citar todas as relações sexuais ilícitas condenadas no *Livro Sagrado* e que o perverso irá seguir na contramão:

“Ninguém poderá aproximar de uma parente próxima para se envolver sexualmente com ela. Eu sou o Senhor. “Não desonre o seu pai, envolvendo-se sexualmente com a sua mãe. Ela é sua mãe; não se envolva sexualmente com ela. “Não se envolva sexualmente com a mulher do seu pai; isso desonraria seu pai. “Não se envolva sexualmente com a sua irmã, filha do seu pai ou da sua mãe, tenha ela nascido na mesma casa ou em outro lugar. “Não se envolva sexualmente com a filha do seu filho ou com a filha da sua filha; isso desonraria você. “Não se envolva sexualmente com a filha da mulher do seu pai, gerada por seu pai; ela é sua irmã. “Não se envolva sexualmente com a irmã do seu pai; ela é parenta próxima do seu pai. “Não se envolva sexualmente com a irmã da sua mãe; ela é parenta próxima da sua mãe. “Não desonre o irmão de seu pai aproximando-se da sua mulher para com ela se envolver sexualmente; ela é sua tia. “Não se envolva sexualmente com a sua nora. Ela é mulher do seu filho; não se envolva sexualmente com ela. “Não se envolva sexualmente com a mulher do seu irmão; isso desonraria seu irmão. “Não se envolva sexualmente com uma mulher e sua filha. Não se envolva sexualmente com a filha do seu filho ou com a filha da sua filha; são parentes próximos. É perversidade. “Não tome por mulher a irmã da sua mulher, tornando-a rival, envolvendo-se sexualmente com ela, estando a sua mulher ainda viva. “Não se aproxime de uma mulher para se envolver sexualmente com ela quando ela estiver na impureza da sua menstruação. “Não se deite com a mulher do seu próximo, contaminando-se com ela. “Não entregue os seus filhos para serem sacrificados a Moloque”. Não profanem o nome do seu Deus. Eu sou o Senhor. “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante. “Não tenha relações sexuais com um animal, contaminando-se com ele”. Mulher nenhuma se porá diante de um animal para ajuntar-se com ele; é depravação. “Não se contaminem com nenhuma dessas coisas, porque assim se contaminaram as nações que vou expulsar da presença de vocês. Até a terra ficou contaminada; e eu

<sup>3</sup> BÍBLIA sagrada. A.T. *Gênesis* (NVI), 3, 6-7.

<sup>4</sup> BÍBLIA sagrada. A.T. *Gênesis*. Edição Ecumênica. Tradução de Padre Antônio Pereira Figueiredo, 3, 11.

castiguei a sua iniquidade, e a terra vomitou os seus habitantes. Mas vocês obedecerão aos meus decretos e às minhas leis. Nem o natural da terra nem o estrangeiro residente entre vocês farão nenhuma dessas abominações, pois todas estas abominações foram praticadas pelos que habitaram essa terra antes de vocês; por isso a terra ficou contaminada. E, se vocês contaminarem a terra, ela os vomitará, como vomitou os povos que ali estavam antes de vocês.<sup>5</sup>

Em carta a Fliess, Freud relata que vinha sonhando com uma religião demoníaca primeva, cujos ritos são executados secretamente. Nesta carta de 24 de janeiro de 1897, o psicanalista já apresenta um entendimento diferenciado da perversão, vista por ele, na contramão do discurso médico corrente, como uma remanescência de um culto sexual primevo, semelhante ao que, em certa época, no Oriente Semítico foi uma religião:

Em minha mente está se formando a idéia de que, nas perversões, das quais a histeria é o negativo, podemos ter diante de nós um remanescente de um culto sexual primevo que, no Oriente semítico (Moloch, Astarte), em certa época, foi, e talvez ainda seja, uma religião...

As ações pervertidas, além disso, são sempre as mesmas — têm um significado e são executadas segundo um padrão que há de ser possível compreender. Portanto, venho sonhando com uma religião demoníaca primeva, cujos ritos são executados secretamente, e compreendo o tratamento severo prescrito pelos juízes das bruxas. Os elos de ligação são abundantes.<sup>6</sup>

Já aparece nessa carta o aforismo que se repetirá ao longo das articulações freudianas iniciais sobre a perversão, qual seja, que a neurose seria o negativo da perversão. Se a perversão é o negativo da neurose, é porque o perverso sustenta em ato uma posição apenas imaginada pelo neurótico. Há que se ressaltar que a experiência perversa antevista pelo neurótico, através da fantasia, é da mesma ordem da anteface que emerge em seu sintoma. O negativo aqui não tem implicação moral, simplesmente demarca o não saber derivado do próprio desvio pulsional que escapa ao controle do recalque neurótico. Ainda segundo Freud, o neurótico passou em sua infância por uma fase perversa polimorfa que foi precursora e pré-condição para o posterior desenvolvimento da censura no sujeito. O que na criança era ato puro e simples no limite da própria impotência da infância, transformou-se na posterior moralidade excessiva do indivíduo. Por outro lado, vamos insistir neste ponto: há uma vivência primitiva reatualizada na experiência sexual do perverso, como se este retornasse ao imaginário adâmico, enquanto o neurótico só vislumbra tal desvio de norma, mas quase sempre sofre das reminiscências dos fantasmas perverso.

Mas os neuróticos são, como observa Freud, acima de tudo, inibidos em suas ações: neles, o pensamento constitui um substituto completo do ato. Os homens primitivos, por outro lado, são desinibidos: o pensamento transforma-se diretamente em ação. Neles, é antes o ato que constitui um substituto do pensamento, sendo por isso que, sem pretender qualquer finalidade de julgamento, penso que no caso que se nos apresenta pode-se presumir com segurança que ‘no princípio foi Ato’.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BÍBLIA sagrada. A.T. *Levítico* (NVI), 18, 6-28.

<sup>6</sup> FREUD, S. *Carta 57*, p. 292.

<sup>7</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu*, p.191.

## **A estética da perversão**

O *Gênesis* presta-se aqui a uma auscultação da experiência perversa na origem mítica do homem civilizado. Ao comer a maçã, o casal primevo, seduzido pela tentação de uma serpente, inaugura uma erótica da transgressão e uma experiência estética associada à erotização da nudez. O corpo nu ganha assim uma dimensão plástica voltada para a excitação escópica. Em consonância com a persuasão da serpente, Rosolato postula que “querer per-verter, estranho propósito, tem relação com essa sedução possível, a sedição do instante para fazer o outro transgredir e encontrar a si mesmo em outra parte que não onde o conduziu a cumplicidade — ou a fraqueza.”<sup>8</sup>

O ato de Adão e Eva, ao transgredir a “Lei do Pai”, compreende uma ética e uma estética derivadas da quebra de uma norma fundamental estabelecida pelo Criador do mundo. Ordenou o Senhor ao homem: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá.”<sup>9</sup> A despeito da Lei, o casal é induzido à desobediência por um “anjo caído”, demiurgo do desejo de transgressão, que se insinua com a possibilidade de abarcar o poder divino, de ampliar o mundo para além do paraíso.

Depois do revés, a certeza de morrer e a possibilidade de gozar. Existe um alento reservado à própria queda: no culto primitivo, do qual o perverso seria o devoto, entrega-se voluntariamente ao rebaixamento, ao declínio, à dor, às experiências escusas, licenciosas ou lúbricas, como um meio pessoal de não ser submetido à Lei asseverada pela onipotência do *Outro*. Esse é o legado que o casal primevo deixa a todos os filhos errantes, para os quais o destino é feito à medida de seu gozo. O perverso é, portanto, aquele que vive sob “o signo de Caim”, potencialmente inflado pelo vigor das pulsões que não foram recalcadas.

A perversão traz um desafio teórico para os discursos normativos. Roland Barthes, numa instigante percepção, ressaltou o poder daquele que se desvia da norma. O referido semiólogo destacou a perversão como uma figura invocável e uma via de intercessão, concluindo que: “a Lei, a Doxa, a Ciência não querem compreender que a perversão, simplesmente, faz feliz; ou, para ser mais preciso, ela produz um mais: sou mais sensível, mais perceptivo, mais loquaz, mais divertido, etc. — e, nesse mais, vem alojar-se a diferença (e, portanto, o Texto da vida, a vida como texto)”<sup>10</sup>.

De outro modo, sobre os perversos, Lacan observou que “há neles uma subversão da conduta apoiada num saber-fazer, o qual está ligado a um saber, ao saber da natureza das coisas, há uma embreagem direta da conduta sexual sobre o que é sua verdade, isto é, sua amorabilidade.”<sup>11</sup> A relação do pervertido com a lei, a proibição e a função paterna aparece como determinante estrutural, como se houvesse um dever de transgredir a norma sem cessar, substituindo-a pela lei do seu desejo. Tanto a diferença dos sexos quanto a proibição do incesto, à qual o perverso não consegue associar à Lei, seriam desmentidas por ele. Parece-nos, por isso, que a qualidade estética na pornografia não só é tributária das figuras que ostentam a inversão sexual, como está diretamente associada, em termos estilísticos, aos mecanismos perversos de enunciação. Nesse procedimento estético os enunciados são desviados ou alterados metonimicamente até emergirem como texto erógeno.

Se no neurótico o recalque é o mecanismo estrutural de sua defesa, no perverso encontraremos a fixação e renegação da realidade (*Verleugnung*). No caso específico do fetichista, Freud observa que este se recusa a reconhecer a existência da percepção traumatizante da ausência

<sup>8</sup> ROSOLATO, G. “Estudos das perversões sexuais a partir do fetichismo”. *O desejo e a perversão*, p. 34.

<sup>9</sup> BÍBLIA sagrada. A.T. *Gênesis* (NVI), 2, 16-17.

<sup>10</sup> BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*, p.77.

<sup>11</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 20*: mais, ainda. p. 117.

do pênis na mãe. E para desmentir tal constatação, o sujeito perverso vai fazer uma elaboração substitutiva que neutraliza a angústia através da fixação em um objeto fetiche.

Em todas as suas formas de negar a castração, de desmentir a falta, o perverso vai se colocar na contramão da norma, da “Lei do pai”. Contudo, ao se opor à Lei, negar a castração, o perverso acaba por se fixar a outra Lei, por sua vez, identificado-se ao “pai primevo” do qual trata Freud em *Totem e Tabu*. Preso à pré-história da Lei, o perverso fica assujeitado ao imperativo categórico de dever gozar, obedecendo ao “Outro” que o fixa a um fetiche. Mas até mesmo por isso, há uma vivência diferenciada do corpo na perversão.

Não podemos esquecer que são dois escritores que vão fornecer, através de suas criações literárias, o suporte metonímico para nomear dois atos desviantes. Sade e Masoch nos apresentam quadros de sintomas e de signos que se ligam ao nome próprio de cada um, designando duas perversões básicas que foram incorporadas aos manuais de psiquiatria. No entanto, as noções de masoquismo e sadismo foram demarcadas menos pelas considerações da vida íntima dos sujeitos que lhes emprestaram os nomes, mas, principalmente, a partir das obras literárias que produziram, resultantes talvez de uma possível satisfação estética da pulsão perversa, convertida em *belle-lettre*.

Para Deleuze, um escritor como Sade e Masoch não são doentes, mas antes grandes clínicos, deles mesmos e do mundo. Segundo o filósofo, se a psiquiatria fala de masoquismo é porque glorifica Masoch e Sade por terem renovado essas entidades clínicas, definindo-as não apenas pelo vínculo sofrimento-prazer sexual, mas através da investigação de comportamentos mais profundos associados a experiências psíquicas que conjugam escravidão e humilhação, dominação e dominado, senhor e escravo. Em Sade e Masoch a própria patologia associada à perversão é posta sob suspeita quando se intenta analisar a vida desses autores a partir das obras que deixaram. Os textos que escreveram apresentam-se como empreendimentos de saúde, e por isso mesmo devem ser considerados para além de uma “clínica”, de uma terapêutica, e mais distantes ainda de uma sintomatologia patológica. O objetivo da literatura como empreendimento de saúde consiste em dizer não de uma doença ou de uma cura, mas daquilo que não sabemos, do que não nomeamos.

Como quer Deleuze, cabe a escrita literária inventar um povo que falta. Aliás, nem mesmo se escreve com as próprias doenças, diz o filósofo, pois um estado patológico não é processo, mas parada de processo:

Em todo caso, “doentes” ou clínicos, e os dois ao mesmo tempo, Sade e Masoch são também grandes antropólogos, à maneira daqueles que sabem engajar em suas obras toda uma concepção do homem, da cultura e da natureza — grandes artistas, à maneira daqueles que sabem extrair novas formas, criar novas maneiras de sentir e de pensar, e toda uma linguagem nova.<sup>12</sup>

É mais alentador, por isso, pensar que um autor talvez seja o antropólogo da doença e não o terapeuta dela. O escritor não é o doente lamuriando sobre o seu mal-estar, mas sim é aquele que escreve sob o signo diferencial da perda, da fenda, do corte, submetido, portanto, à lógica de uma falta ou de um excesso que perturba a si mesmo e ao leitor. Todo criador de arte é desafiado pelo anormal, pela anomalia, pelo desvio, quer seja amoral ou imoral, ainda que o desastre ou o fracasso o ameace constantemente. Analogicamente, talvez esteja o escritor mais próximo de um médico do que de uma doente, como pensa Deleuze, mas o diagnóstico que escritor elabora não é da mesma ordem discursiva de um naturalista que quisesse elaborar uma tese, examinando, catalogando, classificando e controlando a sintomatologia de uma doença. Quem escreve investe no nascimento impossível dos seres aquém e além da normalidade estabelecida por uma possível cura. Contudo, ainda que siga passo a passo a doença genérica do homem, tudo tem início a partir da sua própria do-

---

<sup>12</sup> DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher-Masoch*, p. 19.

ença, faz seu texto através dela, deixando em cena, de maneira mais ou menos explícita, o seu sintoma.

## **A carne oferecida ao progenitor**

“Ato fenomenoso esse de se deitar com o pai.”

Hilda Hilst, *Tu não te moves de ti*

Na Literatura Brasileira, um caso exemplar de uma possível estética da perversão está na obra da escritora Hilda Hilst. Podemos rastrear a comunidade, sob o “signo de Caim”, a qual a escritora se filia partindo de um traço biográfico que a escritora sempre evocava: a fantasiosa relação incestuosa com o pai. A cena, investida de desejos lascivos pela escritora, constantemente representada na sua literatura, leva-nos a considerar não um entrelaçamento direto entre a vida e a obra, mas duplicações e articulações dialógicas do cenário primitivo que persiste no imaginário da escritora. Em várias entrevistas que concedeu Hilda Hilst citava que seu pai foi a razão dela ter se tornado escritora, que todo seu trabalho está ligado a ele, que fez toda sua obra através dele.

No livro *Cartas de Um sedutor* essa fantasia é deslocada para o corpo da personagem Cordélia, irmã do personagem-narrador, Karl. O mito da filha que embriaga o pai para dormir com ele aparece nas primeiras especulações incestuosas que o narrador compartilha com a irmã — ela é o destinatário das cartas que compõem boa parte do livro, só conhecemos seus desejos pelas missivas do irmão. Ambos comungam um desejoso ardente por um pai suspenso no espaço e no tempo da narrativa. Segundo comentários do missivista, sabemos que esse pai possui uma formosura impar, plasticamente perfeito, seduzia a todos ao redor, homens e mulheres. Ao longo das correspondências, após algumas descrições lúbricas e delirantes em relação ao pai, Karl pergunta à irmã se ela foi Mirra alguma vez. Lança desta forma a suspeita e a provocação à irmã: “E agora lembrei de Mirra que embriagou e seduziu o rei Ciniras, seu pai, e teve um filho do próprio. Mirra, sim, é que ilustra com perfeição o chamado complexo de Édipo. Pobre Édipo! Pois nem sabia que a outra era a mãe.”<sup>13</sup> Na última carta que Karl escreve a Cordélia, impregnado de despeito por ter sido excluído da cumplicidade perversa entre o pai e a filha, o personagem demonstra a compreensão invejosa da realização cabal, pela irmã, do desejo incestuoso que ambos compartilhavam:

Então Cordélia-Mirra, Iohanis é teu filho e nosso irmão. Embriagaste o pai numa noite de águas, junto às baías. E por isso te vi pálida na manhã seguinte arrumando valises e malas... Nunca compreendi por que te foste. Agora sim. Vinte e quatro anos e apaixonada. E grávida do pai. Tem então quinze o irmão? E dizes que nunca posso vê-lo. Tu o que queres só para ti, Palomita. Muito bem. É como dizia um juiz (não o Eliézer, um outro) quando lhe recriminaram a fodaça com as filhas: eu as fiz, eu as como.<sup>14</sup>

Manter relação marital com o filho que tivera com o próprio pai é uma inflação hiperbólica na qual há uma atualização de um cenário primitivo, via de regra, sustentado por um perverso. No mito constantemente lembrado por Hilda Hilst, da filha que embriaga o próprio pai para que tenha uma noite de amor com ele, notamos a ambição perversa de dinamizar o ato sexual pela transgressão fundamental, poder somente admitido ao pai primevo, só ele podia gozar de tudo e de todos.

Sade melhor que ninguém representou as combinatórias eróticas da transgressão em sua obra. Vejamos então um ato cabal do desejo perverso de violação: “para reunir o incesto, o adultério, a

<sup>13</sup> HILST, H. *Cartas de Um sedutor*, p. 59.

<sup>14</sup> HILST, H. *Cartas de Um sedutor*, p. 88-89.

sodomia e o sacrilégio, ele enraiva a sua filha casada com uma hóstia”.<sup>15</sup> Em outro quadro, o autor libertino infla a ação de elementos profanatórios que se processam em cascata: “conta que conheceu um homem que fodeu três filhas que tivera de sua mãe, dentre as quais havia uma moça que ele fizera casar-se com seu filho, de modo que, ao fodê-la, fodia sua irmã, sua filha e a sua nora, e obrigava o filho a foder a irmã e a sogra”.<sup>16</sup>

Identificamos no livro das origens, o *Gênesis*, a mesma encenação do ato incestuoso imaginado por Hilda Hilst. Avisado sobre a destruição de Sodoma e Gomorra, foi permitido ao Ló, sobrinho de Abraão, que fosse para um lugar seguro com sua esposa e suas filhas, sob a condição expressa de nenhum deles olhasse para trás. As duas cidades foram destruídas por uma chuva de enxofre. Na mesma linhagem transgressora do casal primevo, a mulher de Ló, num ato ostensivo de desobediência, tentada pela força destruidora que transforma tudo em cinza incandescente às suas costas, não contém a curiosidade, volta-se para trás e vê o que não era permitido ver. O que viu? (o obsceno?) Jamais saberemos, não temos testemunho. Foi transformada em estátua de sal. Como tudo em sua volta foi destruído, Ló foi morar com suas duas filhas numa caverna. Por se saberem sozinhas com o pai, as filhas embriagam-no para que cada uma pudesse, a seu tempo, ter uma noite de amor com o pai:

Naquela noite deram vinho ao pai, e a filha mais velha entrou e se deitou com ele. E ele não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou. No dia seguinte a filha mais velha disse à mais nova: "Ontem à noite deitei-me com meu pai. Vamos dar-lhe vinho também esta noite, e você se deitará com ele, para que preservemos a linhagem de nosso pai". Então, outra vez deram vinho ao pai naquela noite, e a mais nova foi e se deitou com ele. E ele não percebeu quando ela se deitou nem quando se levantou. Assim, as duas filhas de Ló engravidaram do próprio pai.<sup>17</sup>

Exclusivamente para os desviantes da sexualidade normal, o incesto é o ato a ser constantemente atualizado e é a interdição primária a ser abolida. Essa proibição encontra-se na origem da própria renegação da realidade e da recusa da castração que estruturam o desejo perverso. Nessa perspectiva, o cenário incestuoso estaria presente em todas as variadas formas de transgressão reivindicadas pelo desejo do desviante. No excesso solicitado por seu gozo percebemos o movimento em sentido oposto às formas determinadas pela cultura e um investimento, pelo avesso, sobre as interdições.

É certo que há uma nostalgia primitiva que se transforma em ato na perversão, assim como a psicose nos fala da pré-história do sujeito. Contudo, enquanto a psicose nos remete para alguém ou além da Lei, para fora do registro simbólico, na perversão estaríamos contra uma norma, mas ainda assim seguindo uma outra Lei, imperativa do seu gozo. Portanto, poderíamos falar de uma imoralidade associada ao desejo perverso e de uma amoralidade associada ao delírio psicótico.

O perverso renega a “palavra paterna” em toda a determinação performativa que essa expressão implica, mas recoloca no lugar do “pai simbolizado” um “pai idealizado”, no qual projeta sua onipotência narcísica, desviada assim da ordem castradora ou, como o mesmo efeito, perfilando-se a uma diferente ordenação normativa. Na perversão, prevalece a filiação ao imaginário primevo, que abona o investimento no gozo anterior a instauração do tabu do incesto. Mas não esqueçamos que o desviante vive em torno de uma outra Lei, ainda que na contramão das regras morais estabelecidas culturalmente, que faz do seu gozo não um direito, mas um dever. Esse seria o seu fracasso no âmbito estético. O fetiche, que atualiza essa outra Lei que rege o desejo perverso, não deixa de ser uma solução plástica pra o destino da pulsão incestuosa, mas segue, de

<sup>15</sup> BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loiola*, p.25-26.

<sup>16</sup> BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loiola*, p. 25.

<sup>17</sup> BÍBLIA sagrada. A.T. *Gênesis* (NVI), 19, 33-36.



outra maneira, diferente da formação de compromisso neurótico, uma normatização que faz da estética não uma saída criativa, e sim uma gramática de procedimentos visando, desde já, um gozo antecipadamente previsto e catalogado.

A pornografia seria, nessa perspectiva, uma fantasia perversa posta em ato por meio de estratégias estéticas — na combinação do obsceno, do licencioso, do lúbrico e do grotesco. O material pornográfico teria como principal finalidade alocar e prolongar, no ato sexual que é colocado em cena, o prazer erótico tal como experimentado pelo desviante em seu fetiche. Mas é exatamente na falha da gramática que encontramos o que singularizaria o processo criativo da pornografia como estética da perversão

### ***Referências Bibliográficas***

- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Lisboa: Edições 70, 1979
- \_\_\_\_\_. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BÍBLIA sagrada: nova versão internacional. A.T. *Gênesis*. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- \_\_\_\_\_. A.T. *Levítico*. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FREUD, S. *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Freud, XII.)
- \_\_\_\_\_. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud XIII).
- \_\_\_\_\_. *Carta 57*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud, I).
- HILST, H. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo 2002
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LANTERI – LAURA, G. *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ROSOLATO, G. “Estudos das perversões sexuais a partir do fetichismo”. *O desejo e a perversão*.

---

<sup>1</sup> **Ronnie Francisco Cardoso**

Doutorando em Estudos Literários – Literatura Comparada (Letras – UFMG)